**O aparelho psíquico: memória, satisfação e desejo**

*Lilany Vieira Pacheco*

Como anunciado na *Agenda*, esta é a vigésima quarta edição das "Lições Introdutórias", agora com nova dupla de coordenadores. O nome "Lições Introdutórias" explicita a orientação para a construção dos programas a cada semestre. Em especial, pensa-se como introdutório a importância de um espaço de leitura dos textos de Freud, tão caros à constituição de um novo campo de saber que se chamou psicanálise.

O título "O aparelho psíquico: memória, satisfação e desejo" mostra o percurso que faremos, tomando como referência o "Projeto para uma psicologia científica", de Freud. Esse instigante artigo freudiano será, na verdade, um pretexto para interpelarmos a concepção freudiana do aparelho psíquico. Faremos uma interlocução com o "Projeto", através de textos que explicitam os esquemas construídos por Freud para avançar em sua metapsicologia, tal como está explicitado em nosso programa no qual vocês encontram referências de leituras complementares para melhor aproveitamento de cada tema a ser abordado pelos nossos convidados deste semestre.

Trata-se, nesse contexto, de aplicar a uma obra os próprios princípios que ela fornece para sua construção, trata-se de uma lei de aplicação absolutamente geral que nos impele a ler Freud procurando aplicar à sua própria teoria as regras de compreensão e de entendimento que ela explicita.

O "Projeto para uma psicologia científica" foi manuscrito por Freud em 1895. Ele não o publicou. Ele foi reencontrado. Foi escrito antes da "Interpretação dos sonhos", no tempo da chamada análise de Freud quando ele estava no caminho da descoberta.

Em 1895, a teoria do neurônio não estava em parte alguma. As ideias de Freud sobre a sinapse são absolutamente novas. Freud não formula uma noção morfológica do neurônio. Ele toma partido da sinapse como tal, ou seja, da ruptura de continuidade entre uma célula nervosa e a seguinte.

Mas qual era a pergunta com a qual Freud estava às voltas quando formata esse aparelho inicial que tem o nome em alemão de *Entwurf* (ent – projeto, wurf – lançar)?

Freud lança uma hipótese sobre as conexões possíveis entre as instâncias que estão sempre no limite de nossas elaborações conceituais que são o simbólico, o imaginário e o real.

Em que termos Freud fez essa pergunta naquele momento em que ele buscava nada mais nada menos que se representar a si mesmo enquanto sujeito?

Veremos que as primeiras formulações de Freud sobre o aparelho psíquico e a dinâmica subjetiva se fazem ora em torno de suas conversas com Fliess, ora em torno de seus sonhos e também em relação às suas lembranças, a exemplo do texto "Lembranças encobridoras", que será discutido na penúltima de nossas "Lições Introdutórias".

Freud interrogava as relações possíveis entre o exterior e o interior e, em especial, como se estabelecem, no "interior", as relações entre o psíquico e o somático. A questão se coloca para Freud quando ele, um jovem médico, pesquisador do laboratório de Ernest Brück, se dá conta de que as teorias anatomistas, empiristas e associacionistas não se mostravam suficientes para explicar o que faz com que um pedaço de carne, um eu que inicialmente é um "eu corporal", se faça sujeito.

O que faz com que o estado de autoencerramento inicial do ser humano suponha, logo de início, um estado de sujeito, ou seja, uma subjetividade?

Freud se dá conta da entropia, das equivalências energéticas que se podem apreender a propósito de um organismo vivo, isto é, o que, ao final, nos dá a conhecer — o livro de contas, o que entra e o que sai. Não se trata de tomar ao pé da letra as metáforas oferecidas por Freud, nesse tempo de sua formalização.

Cito Lacan:

> Existem as quantidades de energia que o organismo assimila, por todas as vias, e aquilo que, levando tudo em conta — os gastos musculares esforços, dejeções — sai do mecanismo. As leis da termodinâmica são, bem entendido, respeitadas — há degradação de energia. Mas de tudo que ocorre no interior não sabemos porra nenhuma. Por uma simples razão — não podemos medir a interação disto por aproximações sucessivas, como ocorre no mundo físico, sendo próprio de um organismo que tudo que ocorre em um de seus pontos repercute em todos os outros (LACAN, 1985, p.126).

A noção de relações do ser vivo que se refletem em seu meio ambiente, a hipótese da adaptação preestabelecida, mesmo se lhes dermos a mais larga acepção, é uma premissa que nada nos indica que seja válido. Há um circuito simbólico exterior ao sujeito, ligado a um certo grupo de suportes, de agentes humanos, no qual o sujeito, o pequeno círculo que se denomina seu destino, se acha indefinidamente incluído.

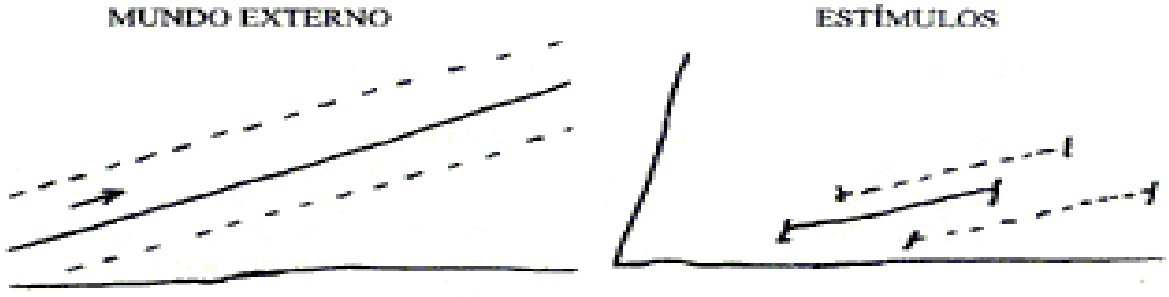
Um certo número de intercâmbio de relações prossegue, ao mesmo tempo exterior e interior, que é preciso representar-se como discurso que a gente recita, que cada um a seu modo reproduz, efeito da posição inicial do sujeito de falado por um Outro que o antecede. Com um aparelho de gravação, poder-se-ia isolá-lo, recolhê-lo. Em parte considerável, ele escapa ao sujeito, que não possua os tais aparelhos de gravação, e continua, volta, sempre pronto a entrar na dança do discurso interior.

Naturalmente, o sujeito pode passar a vida inteira sem entender do que se trata. E até ocorre mais comumente. A análise é feita para que ele entenda em que roda do discurso está tomado, e da mesma feita em que outra roda pode entrar. Um simbolismo essencial a todas as manifestações mais fundamentais do campo analítico, uma vez que ela está ligada a um processo circular de fala que vai determinar o campo da repetição na vida de um determinado sujeito.

O "Projeto para uma psicologia científica", considerado um texto pré-psicanalítico por muitos pós-freudianos, é, na verdade, um texto inseparável da história do pensamento de Freud e, uma vez esclarecidas as pontuações sobre ele, percebe-se que ele revela a significação das elaborações posteriores, como a teoria da *Traumdeutung,* na qual Freud remaneja suas concepções primitivas. A máquina de sonhar vai dar numa outra máquina que esquematiza as relações especulares do sujeito com seu semelhante através de trocas de energia libidinal, chamado por Freud de narcisismo, tema que será desenvolvido na terceira, quarta e quinta "Lições" de nosso programa.

Esse percurso de Freud mostra claramente como ele está às voltas com essa tendência do funcionamento psíquico a "se voltar para si mesmo", para o "discurso interior", para um "estado de coisas antigo", tal como definirá Freud muitos anos depois de ter escrito o "Projeto", no "Além do princípio do prazer", texto que servirá de pano de fundo para nossa próxima "Lição Introdutória", quando será discutido um sonho através do qual Freud mostra sua máquina psíquica em funcionamento.

Freud nos oferece, com o "Projeto", um sistema vitalista, arco-reflexo, conforme o mais simples esquema de estímulo-resposta, que parece obedecer unicamente à lei da descarga. Há uma pura e simples inércia geral. O circuito se fecha pela via mais simples. Para evitar a descarga pura e simples que não seria aproveitável para a vida, Freud cria um sistema tampão, um sistema dentro do sistema, que é a origem do sistema do eu.




1

[1] Recortado e colado da Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud.

O princípio de uma realidade a ser orientadora das atividades do pequeno vivente e, portanto, de sua realidade, é introduzido com uma referência ao sistema ψ voltado para dentro. O sistema ω já é uma prefiguração do isso. Era preciso, então, introduzir a consciência, e Freud o faz através de um sistema que tem leis excepcionais e paradoxais que permanecem como um problema que reaparece para Freud a cada instante em sua obra. A consciência precisa de leis especiais, uma vez que é preciso deixá-la fora das leis de equivalências energéticas que presidem as regulações quantitativas. Parece-nos, entretanto, que Freud se abstém, em relação à consciência, de resolver um problema de que a filosofia já se ocupava há milênios sem encontrar para ele um estatuto definitivo. Freud chamou a consciência de sistema φ.

O sistema φ precisa registrar informações, uma vez que ele é concebido por Freud como um sistema de defesa. Defesa de cargas excessivas de energia que podem vir do mundo externo, mas, principalmente, defesa em relação ao que se produz como vibrações em ω, prefiguração para Freud do sistema do Isso, colocando em questão não apenas o que vem de fora, mas também o que vem de dentro. Em "Além do princípio do prazer", Freud afirmará que as defesas para se proteger do que vem do mundo exterior são rapidamente adquiridas pelo vivente, e que difícil é aprender a se defender do que vem de "dentro", do mundo das pulsões.

O "Projeto" é escrito para dar conta de um aspecto paradoxal percebido por Freud, que è o fato de que a informação de que a defesa psíquica precisa entrar em ação, ou seja, a informação que o sistema φ precisa para saber que acontece em ω, só acontece quando a descarga do que é percebido já ocorreu em nível motor. Portanto, o sistema psi só poderá obter informações através das marcas, dos traços, das pegadas que uma determinada descarga libidinal deixou atrás de si, *a posteriori*, como dirá Freud.

Freud não tem como objetivo criar apenas um esquema inanimado. Ele não pretende apenas representar lugares psíquicos. Ele busca esclarecer o que faz com que, para cada sujeito, em sua singularidade, os estados de desejo se estruturem pela correspondência entre um objeto que ganha predileção para um sujeito e as estruturas já constituídas do eu. Ele salienta o seguinte — ou bem o que se apresenta é o que é esperado, ou não é nem um pouco interessante, uma vez que há em vista um esforço para redescobrir o objeto.

Freud distingue seu pensamento sobre o objeto a ser reencontrado da reminiscência em Kierkegaard, para quem existe uma harmonia entre o homem e o mundo de seus objetos de tal modo que eles os reencontra sempre. Para Freud, ao contrário, a conquista, a estruturação do mundo para um sujeito se dá pela via do

trabalho, por via da repetição insistente, uma vez que o objeto encontrado na realidade coincide apenas parcialmente com aquilo que proporcionou satisfação numa descarga supostamente inaugural dessa máquina de gravação, de escrituração, que Freud chamou "aparelho psíquico".

O sujeito se põe em busca e repete, indefinidamente, sua procura, visando a reencontrar esse objeto. O objeto se encontra e se estrutura por via de uma repetição — reencontrar o objeto, repetir o objeto. Só que nunca é o mesmo objeto que o sujeito encontra, colocando em marcha a entrada, nos circuitos do sujeito, de uma série de objetos substitutivos.

Percebe-se, portanto, na constituição mesma do funcionamento psíquico, o esboço fecundo de uma "psicologia do conflito" como a passagem entre a experiência libidinal como tal e o mundo do conhecimento humano, o qual é caracterizado pelo fato de escapar em grande parte ao campo das forças do desejo, como demonstrado anteriormente.

O mundo humano não é de maneira alguma estruturável como encaixe perfeito do mundo já dado (*Umwelt)* e um mundo próprio do sujeito (*Innenwelt)*. O mundo humano é aberto a uma multidão de objetos extraordinariamente variados, objetos que inclusive não têm mais nada a ver com os objetos, em sua função radical de símbolos.

Assim, Freud reconstrói as relações sujeito e objeto diferentemente do que elas eram concebidas até então pelo pensamento filosófico. Freud reconstrói tudo, a memória, o conhecer, o reconhecer e o julgar, detendo-se apenas nos estados de desejo e no momento da procura do objeto.

O caminho posterior de Freud o obrigará, entretanto, a retomar o processo primário, uma vez que ele é tomado pelas tendências desse funcionamento primário de se voltar para si mesmo, para dentro, colocando em risco a integridade do sujeito, num movimento tal que, se não acontecem intervenções, a vida pode encontrar-se rápido demais em direção a seu destino final, a morte.

A busca de Freud por formalizar os processos primitivos que movimentam o aparelho psíquico fará com que ele se volte para o sono, os sonhos, os adoecimentos, as fantasias, os delírios, partindo da premissa que ele mesmo enunciou em a "A interpretação dos sonhos" — "encontrem a natureza do sonho e terão encontrado tudo o que se pode saber sobre a demência e a loucura". Esse movimento do pensamento de Freud está esboçado no programa a ser desenvolvido neste semestre, nesta edição de nossas "Lições Introdutórias".

**Referências Bibliográficas**

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]). Rio de Janeiro: Imago, 1969. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. I.

LACAN, Jacques. *O seminário*, livro 2, O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985. p.123-203.